

## Uma Breve Reconstituição da Saga da Mulher Brasileira no Século XIX como retratado em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

### A brief reconstitution of the brazilian feminin saga in the 19<sup>th</sup> century as pictured in *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis

**Carlos Moreira**

**RESUMO:** A era multicultural em que vivemos nos concita à revisão dos cânones literários e historiográficos, entre outros. Tendo em vista este desiderato, este ensaio se materializa com o intuito de participar das revisões supracitadas. Para tanto, busca-se uma leitura do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, à luz de pressupostos teóricos feministas e multiculturais, visando a um alargamento de nossa visão acerca das produções femininas do século XIX, bem como do próprio movimento romântico entre nós brasileiros. Tal alargamento aponta para a necessidade da inclusão de várias obras e autoras cujas vozes foram silenciadas, cabendo aos estudiosos e estudiosas de nosso tempo empreender o devido resgate e legar às gerações posteriores para que a história não se repita.

**Palavras-chave:** *Úrsula*. Afro-brasileiros. África. Idílio. Romantismo.

**ABSTRACT:** The multicultural era in which we live urges to review the literary and historiographic canons, among others. In view of this desideratum, this essay materializes itself with the aim of sharing those reviews mentioned above. Therefore, it searches for a reading of the novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, under feminist and multicultural theoretical assumptions, aiming an enlargement of our view on the feminine productions in the 19th Century, as well as the proper romantic movement among us Brazilians. Such enlargement points towards the necessity of inclusion of many literary works and feminine authors whose voices were silenced, and it is up to scholars of our time to undertake the proper rescue and to legate the future generations so that history does not repeat.

**Keywords:** *Úrsula*. Afro-Brazilians. Africa. Idyll. Romanticism.

## Introdução

*...houve um tempo  
em que eu menina...  
Conceição Evaristo*

As últimas décadas têm testemunhado o avanço nas pesquisas do que se convencionou chamar de a questão da alteridade. Pelo menos quatro áreas das ciências humanas, a saber: Teoria Literária, Psicanálise, Sociologia e Antropologia Cultural vêm voltando as suas atenções para a referida questão. Pode-se afirmar que tais articulações de ordem teórica vieram à tona a partir da revolução cultural dos anos de 1960. Contudo, a abordagem do objeto de estudo alteridade levanta questões como estereótipo

e o papel que tal artifício discursivo desempenha nas relações humanas, bem como de conceitos pertinentes a raça, gênero, classe social, identidade, subjetividade e ideologia, entre outros.

O conceito de estereótipo perpassa a ideia de algo fixo e estabelecido, o que nas relações de gênero e raça pressupõe a mulher como o Outro do homem e o afrodescendente como o Outro do branco. Assim, ambos têm os seus lugares determinados na esfera social, os quais são respectivamente o lar e a margem da sociedade. À luz deste estereótipo, é somente naquelas esferas que tais personagens sociais podem construir as suas respectivas identidades e estas estarão sempre condicionadas a ser a sombra do *self* representado pelo homem branco.

Tais posturas embasaram o processo colonialista que se instalou em tempos recuados da história humana e propiciou a dominação de algumas nações sobre outras, de uma raça sobre outras e, por fim, do homem sobre a mulher. No que concerne à questão gênero, faz-se mister levar em consideração algumas premissas estabelecidas por Simone de Beauvoir no livro *The Second Sex* em estudo sobre o feminismo. Cita-se:

In *The Second Sex*, Simone de Beauvoir argues that The division of sexes is an irreducible, contingent fact of biology. Woman is a biological, not an historical, category, and she thus suffers from a singular oppression which knows no historical period that precedes it. Without a different past, how can one have a concept of a different future? (Beauvoir, 1986, p. 1).<sup>1</sup>

O argumento elaborado por Simone de Beauvoir endereça a questão da mulher a um determinismo inexorável e que não comporta a sua inserção no âmbito da história. Por outro lado, a visão de que a mulher é uma categoria biológica a torna identificável com a natureza, que, por sua vez, se opõe à cultura, que é produto do homem, o que implica na ratificação do postulado anteriormente registrado.

Admitindo-se, em dissonância com o pensamento expresso no parágrafo anterior, que a mulher é sim parte da cultura, e, por conseguinte da história, outra questão se coloca: onde ela se encontra? Qual o seu lugar na história? A resposta a essas indagações

---

<sup>1</sup> As traduções que se seguem são da autoria do autor deste ensaio. Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir argumenta que a divisão dos sexos é um fato contingente, irredutível de biologia. A mulher é uma categoria biológica, não histórica, e ela então sofre de uma opressão singular a qual não conhece o período histórico que a precede. Sem um passado diferente, como alguém pode ter uma concepção de futuro diferente?

faz com que se lance mão, em princípio, de artifícios teóricos e de textos ficcionais que possam lançar luz sobre essas questões, entre outras.

Sabe-se que o modelo de história que nos foi legado no decorrer dos dois últimos milênios é, essencialmente, patriarcal e eurocêntrico, e como tal, deixou de fora a mulher e todos os outros agentes sociais que não se coadunaram com as duas categorias dominantes. Com isto, a cultura ocidental cunhou um modelo de historiografia parcial e particularizado. Todavia, os abalos verificados no mundo das ideias nas últimas décadas tornaram insustentáveis os modelos excludentes que o paradigma tradicional tentou universalizar e legar à posteridade. Desta forma, várias correntes do pensamento pós-moderno vêm propondo o acesso e verificação de novas fontes para que se chegue a um tecido historiográfico mais abrangente e que dê voz aos diversos segmentos excluídos da história e, entre eles, a mulher.

Mas, para que se busque a história da mulher nos períodos em que sua voz foi silenciada, é necessário um empreendimento arqueológico para que se traga à superfície, a produção cultural (no sentido antropológico do termo), pois a produção literária de autoria feminina ao tempo de Maria Firmina dos Reis consistia, na visão de Neuma Aguiar, “nas restrições ao estilo empregado por mulheres que sofrem e temem a crítica masculina” (Aguiar, 1997, p. 23).

Em se tratando da tentativa de resgate de uma obra composta no século XIX, necessário se faz estabelecer como problema de pesquisa a indagação acerca de sua condição, ou seja, qual ou quais são as marcas que tornam *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, uma obra original? As respostas serão esboçadas no decorrer da análise da obra e ratificadas na conclusão deste artigo.

Dentre as razões que possam justificar o enfoque pretendido, atesto a necessidade de incrementar a fortuna crítica da obra de Maria Firmina dos Reis e contribuir para a inserção desta autora e obra nos anais de nossa história literária. Cumpre assinalar também que o estudo de *Úrsula* é de grande relevo para os estudantes de Letras que se debruçam sobre a Literatura Brasileira, especialmente em sua expressão Afro-brasileira.

No que concerne à metodologia, cabe sublinhar que o ideal seria tomar por base as análises críticas sobre a obra de Maria Firmina dos Reis; todavia, a escassez de material me leva a lançar mão de dados fornecidos pelas pesquisas desenvolvidas pela

professora e pesquisadora Zahidé Muzart e pelos estudos do crítico Eduardo de Assis Duarte. Aliás, a parca fortuna crítica da obra de Maria Firmina dos Reis é outra justificativa plausível para o que aqui se pretende. Ainda, devido ao título da obra ser o mesmo nome da personagem principal, as referências à obra serão grafadas em itálico e sem itálico quando a referência for a respeito da personagem.

Devido ao tema central de *Úrsula* ser estruturado, em primeiro plano, pelo amor impossível de um jovem casal apaixonado e apresentado no contexto histórico da escravidão e suas consequências, urge um enfoque interdisciplinar. Para tanto, alguns conceitos oriundos de autores engajados no multiculturalismo como Frantz Fanon e Homi Bhabha serão utilizados de par com postulados teóricos desenvolvidos por estudiosas do feminismo, como Drussila Cornell, Maria Lúcia Rocha Coutinho, Neuma Aguiar, entre outras. A escolha destes postulados teóricos se deu em virtude da proximidade de pensamento entre essas correntes que abrigam no seio do que se convencionou chamar de pós-modernismo. De igual modo, vislumbro o realce das relações intertextuais contidas na obra.

Assim, passa-se aqui a um corte epistemológico no qual o enfoque incidirá sobre uma obra de uma escritora afro-brasileira do século XIX. Trata-se do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, cujas poucas informações de cunho bibliográfico dão conta de que a escritora nasceu na ilha de São Luís do Maranhão aos 11 de outubro de 1825.

### **Notas sobre a autora e sobre a obra**

Pouco se sabe sobre a sua educação. A esse respeito a própria autora declara no prólogo da primeira edição de *Úrsula*:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 1988, p. 19).

O que chama atenção, à primeira vista, é o fato de Maria Firmina dos Reis ter tido acesso a alguma educação, uma vez que era afro-brasileira, viveu no período escravagista e bem afastada da corte imperial. Mais do que isso, os intertextos de sua obra com a dos

poetas românticos Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, além dos versos à Gonçalves Dias no poema “Sonho ou Vida”, revelam um nível cultural acima daquele que era legado às mulheres de seu tempo, mesmo às brancas.

Uma das possibilidades para tal fato pode residir na personalidade rebelde de Maria Firmina dos Reis segundo nos contam os pesquisadores que se têm debruçado sobre a sua vida e obra nos últimos anos, tentando resgatar os feitos culturais de mulheres como a que aqui se retrata. A pesquisadora catarinense Zahidé Lupinacci Muzart em capítulo sobre a escritora maranhense na coletânea intitulada *Escritoras Brasileiras do Século XIX* nos mostra que Maria Firmina dos Reis chocou a comunidade local devido ao fato de ter fundado uma escola mista.

Segundo o crítico literário Raimundo de Meneses, o curso misto “escandalizou os círculos locais, em Maçaricó [...] e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio” (Meneses, 1999, p. 265). Portanto, a educação de Maria Firmina dos Reis, certamente, transcendeu a formação das mulheres de seu tempo, cujo desenvolvimento intelectual limitava-se à iniciação religiosa. A formação dela baseia-se não somente nos intertextos assinalados anteriormente e que ocorrem na esfera poética da obra da autora, mas, o romance *Úrsula* apresenta matizes intertextuais que denunciam as leituras que a escritora, porventura, teria feito, como o *Othello*, de William Shakespeare, da *Bíblia*, da mitologia grega, as citações de pintores como Bernardim de Saint-Pierre, entre outros.

Essas poucas conjecturas acerca da formação cultural de Maria Firmina dos Reis nos permitem afirmar que sua obra é extremamente relevante para a reconstituição histórica do papel da mulher na sociedade brasileira do século XIX. Porém, antes de adentrar à análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, necessário se faz um rápido e conciso resumo da obra.

### **Resumo de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis**

O romance inicia-se com uma descrição da natureza maranhense. O mancebo Tancredo, uma das personagens principais, aparece qual cavaleiro medieval montado em seu ginete. Contudo, como todo herói romântico que se preze, ele aparece pálido, doente e à beira de um colapso. Túlio, um escravo, encontra Tancredo desmaiado e o socorre, o

que teve como consequência a eterna gratidão de Tancredo que, em contrapartida, compra-lhe a liberdade.

Túlio leva Tancredo para casa e o coloca aos cuidados de Úrsula, a personagem principal que empresta o seu nome à obra. Úrsula não só cuida de Tancredo, como também se apaixona pelo mancebo. Tancredo também se apaixona por Úrsula e pede a mão da moça em casamento à mãe dela, dona Luísa B. Tancredo confia a Úrsula toda a sua sina e as razões que o fizeram chegar àquele estado moribundo em que se encontrava.

Tancredo é um rapaz branco, de família distinta, que fora enviado à São Paulo para estudar Direito. Ao regressar à sua terra natal, apaixonara-se por Adelaide, uma moça branca e bela que fora educada pela própria família de Tancredo. Ao pedi-la em casamento, o seu próprio pai impôs-lhe a condição de que teria que aguardar um ano e enquanto isso ele teria que trabalhar em outra província como o seu pai já havia planejado. Ao partir para o que chamou de 'segundo exílio', ele o faz eivado de dor e com a promessa de que um ano depois seus desejos seriam realizados. Mas, ao regressar à casa paterna, Tancredo descobre que perdeu a mãe e que Adelaide, a jovem que ele amava e por quem pensava ser correspondido, nega-lhe qualquer aproximação, já que naquele período ela casou-se com o próprio pai de Tancredo.

Assim, ele parte arruinado para encontrar a morte quando sofre o desmaio após a queda de seu cavalo e Túlio aparece para socorrê-lo. A partir do encontro com Úrsula, a vida de Tancredo ganha novos contornos. Ao pedir a mão de Úrsula em casamento, dona Luísa B. o adverte para o perigo representado por seu próprio irmão, o Comendador Fernando P. que foi causa da morte do pai de Úrsula e da sua condição de entevada.

Úrsula, após um momento de grande ansiedade e inquietação de espírito refugia-se em seu templo, a mata. Lá, seu retiro espiritual é violado por um caçador que mata uma perdiz que lhe cai sobre os pés. A menina abraça a perdiz e mancha o vestido branco com o sangue da avezinha. A cena torna-se um simbolismo que vai aludir ao pranto e sangue derramados sobre a sua pureza virginal e que ao fim da estória concretiza a impossibilidade da realização amorosa de Úrsula e Tancredo, a qual terminará em sangue com a morte do jovem casal.

No episódio da mata, ela depara-se com o caçador com a sua aparência de homem rude, perverso e que não hesita em pedi-la em casamento, uma vez que se apaixona por

Úrsula à primeira vista. Assustada, a jovem corre para a casa e confidencia a sua mãe o ocorrido na mata. Dona Luísa B., já à hora da morte, aconselha a filha que fuja pois Fernando P. é, na verdade, seu tio e, por ser um homem implacável, não hesitará em fazer tudo para levar a sua intenção a cabo.

Após a morte de Dona Luísa B., Úrsula foge e Tancredo volta à cidade para desposá-la. No entanto, Fernando P. começa a sua terrível caçada em busca do jovem casal para matar o mancebo e casar-se com Úrsula. O tio de Úrsula persegue mãe Susana, outra personagem de relevo na estória, uma vez que julga que ela sabe o paradeiro do casal e a tortura até a morte. Necessitando de uma armadilha que traga Tancredo à sua presença, ele tocaia e mata Túlio com dois tiros e, com isso, atrai Tancredo e o apunhala.

Entretanto, o Comendador Fernando P. enlouquece ao verificar em si mesmo o cruel assassino que é e ante a impossibilidade de Úrsula devotar-lhe qualquer sorte de sentimento a não ser a repulsa total e absoluta. A jovem Úrsula não consegue suportar o peso de tantas dores e perdas e enlouquece até a morte.

A última cena do romance mostra o Padre orando e tentando convencer o Comendador Fernando P. a arrepender-se de seus pecados. Úrsula em seu momento derradeiro aperta uma flor pequena que trazia na lapela, exclama o nome de Tancredo e dá o seu último suspiro. Com esse desenlace, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, chega ao fim.

### **Análise de Úrsula**

Na verdade, quando intenciona-se olhar para um romance como *Úrsula*, necessário se faz voltar as atenções, primeiramente, para o contexto histórico no qual o romance foi produzido e as razões pelas quais tal obra foi relegada ao esquecimento e só a partir do fim do século passado e início deste é que tais tesouros literários e culturais vêm sendo resgatados graças ao trabalho pioneiro de vários(as) pesquisadores(as), como a já citada Profa. Zahidé. Desta forma, o que se segue é uma análise concisa do romance *Úrsula*.

O romance *Úrsula* é uma obra romântica que apresenta uma ambientação natural, livre, campesina, embora algumas cenas se passem em uma cidade pequena, na verdade um povoado conhecido como Vila dos Guimarães no interior do Maranhão. A natureza é

apresentada de forma esplendorosa e já na abertura da obra percebe-se a ligação espiritual com o ambiente natural, o qual ganha contornos de templo na alma e na visão de mundo da jovem Úrsula que atribui a Deus a criação de sua “igreja natural”.

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma – branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação (Reis, 2004, p. 21).

Se por um lado, a natureza é o templo onde Úrsula busca forças para enfrentar as dificuldades que a vida vai lhe impondo desde o berço, por outro lado, mais uma vez os intertextos contidos na obra vêm denunciar a presença marcante da religiosidade cristã inserida no texto de Maria Firmina dos Reis a partir de reflexões das personagens que evocam determinadas passagens do *Velho e Novo Testamentos* ou participam de fatos e circunstâncias que, de alguma forma, apresentam semelhanças com as passagens bíblicas, como a que se segue: “... Senhor Deus! Quando calará no peito dos homens a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!” (Reis, 2004, p. 25).

Essa citação foi produzida no encontro entre Túlio, um escravo, e Tancredo, o mancebo que se acidentara e fora amparado pelo jovem afro-brasileiro. Tancredo, enquanto personagem literária, guarda aspectos de cavaleiro medieval o qual aparece pálido e combalido a galope em seu ginete. Tal caracterização, adicionada a outros ingredientes como a relação amorosa impossível entre dois jovens de classes sociais distintas, corrobora o recorte romântico da obra.

O encontro entre Túlio e Tancredo assinala a confluência de raças, marcado pelo acolhimento de Túlio e pela gratidão de Tancredo. Na verdade, esta é a primeira das várias dicotomias que tem lugar no romance. Como uma obra romântica, *Úrsula* traz ingredientes peculiares à estética da época, embora seja importante ressaltar que este romance traz uma marca de originalidade extraordinária no enfoque dado aos afro-brasileiros, sua origem, sua história, a expressão de sua voz e sua luta contra a opressão, o que representa uma grande ousadia, talvez, sem precedentes, para uma escritora brasileira da época.

O contexto maranhense em que se passa a trama insere-se numa moldura histórica que nos mostra o Maranhão como “uma das nossas melhores, e mais ricas províncias do norte...” (Reis, 2004, p. 22). Mas, a contextualização histórica vai nos mostrar que, apesar do cenário tranquilo, a vida da população, marcadamente a dos escravos, era bastante conturbada.

A ousadia de Maria Firmina dos Reis, talvez, consista em que esta seja a primeira narrativa brasileira a apresentar os escravos como providos de voz e de um passado, uma história para se evocar, uma África idílica que não aparece na descrição que os escritores brancos do século XIX faziam dos escravos que eram vistos como seres sem inteligência, sem memória e, portanto, animalizados. Tal visão, acompanhadas de outras práticas discursivas excludentes, justificou por muito tempo a legalidade da escravidão.

Desta forma, a questão da escravatura é um dos temas deste livro. É importante frisar que esta temática é complementar à trama romântica que envolve um triângulo formado por dois jovens castos, cujo amor não é passível de realização, e o Comendador Fernando P., o algoz da trama. Uma vez comparada com outras obras contemporâneas de autoria masculina, *Úrsula* desconstrói o estereótipo do negro de alma branca que foi moeda corrente em várias obras da época, incluindo o clássico abolicionista norte-americano *Uncle Tom's Cabin (A Cabana do Pai Tomás)*, de Harriet Beecher Stowe, e que já se encontrava traduzido para a Língua Portuguesa desde 1853.

Como assinalado, o estereótipo do negro de alma branca, quando se tratava de um escravo ou escrava portadores de virtudes consoante a visão branca, é um dos mecanismos discursivos que o colonizador europeu instalou em terras estrangeiras e legou às classes dominantes das colônias, tendo proporcionado, juntamente com outras práticas, suporte ideológico ao terrível mal da escravidão.

Essa desconstrução levada a cabo por Maria Firmina dos Reis a partir da psicologia de suas personagens africanas estampa o talento de uma escritora que, apesar dos inegáveis traços românticos presentes em sua obra, antecipou algumas articulações que seriam teorizadas com o advento do movimento feminista nas últimas décadas do século XX.

O paralelo entre os romances *Úrsula* e *Uncle Tom's Cabin (A Cabana do Pai Tomás)* é significativo e merece uma menção mais particular. Embora a obra da jornalista norte-americana, Elizabeth Beecher Stowe, tenha exercido enorme influência nos

círculos abolicionistas de seu tempo e país, coisa que não se verificou com o romance da escritora maranhense, é de monta assinalar algumas consonâncias e dissonâncias entre os dois romances. Ambos apresentam a questão da abolição da escravatura como tema. Ambas são obras de autoria feminina, o que implica em escrituras ora permeada de influência da escrita masculina, ora uma textura que denuncia o toque feminino, não como o estereótipo do fino e delicado traço, mas, como a expressão dos sentimentos pertinentes ao universo das mulheres.

A ideologia cristã envolve as duas obras, e, em ambas, a religiosidade aparece como elemento catalisador dos anseios de liberdade, dos recursos para a resignação dos escravos, como o Pai Tomás, por exemplo. Porém, em *Úrsula*, mãe Susana representa a força espiritual que vem dos cultos africanos e das evocações do passado no continente mãe. Outra característica que perpassa as duas obras é a esperança depositada por alguns escravos, como o próprio Pai Tomás, no romance americano.

Entretanto, algumas diferenças marcam este cotejo, como a fé cristã manifestada por Pai Tomás que a adquirira na frequência às igrejas evangélicas dedicadas aos afro-americanos da região Sul de seu país, ao passo que a fé de mãe Susana se manifesta através da africanidade, uma vez que ela é “a living part of Africa and her thought” (Fanon, 1963, p. 206) para fazer uso das palavras de Frantz Fanon.<sup>2</sup>

O que se pretende neste rápido exame comparativo não é ressaltar a maior originalidade do romance de Maria Firmina dos Reis em relação à obra de Elizabeth Beecher Stowe ou mesmo de outros contemporâneos, mas, é inegável que neste momento de revisão dos cânones literários e historiográficos, a releitura de uma obra que tem sabor de redescoberta, ou melhor, de resgate cultural, ganha relevo.

E por fim, no que tange ainda à comparação de *Úrsula* com o romance da escritora norte-americana, ressalta-se uma vez mais a ausência da religião oficial nas evocações e cultos dos afro-brasileiros apresentadas em *Úrsula* e o papel intermediário entre o ser humano e Deus que é exercido pela natureza, o que aproxima a narrativa de Maria Firmina dos Reis da visão sacra que os românticos devotavam à natureza.

Mas, a passagem do Evangelho assinalada anteriormente acerca do amor ao próximo aparece jungida à evocação do passado africano, o que pode ser visto como um

---

<sup>2</sup> Uma parte viva da África e de seu pensamento.

dos primeiros passos dados pelo afro-brasileiro no sentido de miscigenar as crenças cristã oficial e os cultos de matriz africana, como veio a ocorrer de forma mais explícita nos rituais de Umbanda e Candomblé que se estabeleceram em território brasileiro.

Ainda no primeiro capítulo, observa-se que a contextualização histórica circula *in-between* na mente das personagens africanas que se situam em terras estrangeiras na condição de escravo e na África livre através de fontes psíquicas como os sonhos, os devaneios e as lembranças. À medida que a narrativa prossegue, novos ingredientes de ordem estética vão surgindo, como por exemplo a postura da autora de se dirigir diretamente ao leitor, numa técnica que revela preocupação com a recepção da obra junto ao público. Segundo a própria narrativa, “Era o cavaleiro convalescente o homem que assim falava, como o leitor perspicaz tê-lo-á já adivinhado” (Reis, 2004, p. 41).

A narrativa que vai do capítulo quatro ao sete apresenta Úrsula como confidente de Tancredo que narra-lhe a sua desventurosa saga amorosa e o sofrimento de regressar do exílio e encontrar a mãe enterrada e Adelaide, o amor de sua vida, nos braços de seu próprio pai. Tal situação aponta na direção de conflitos psicológicos e sentimentais na esfera familiar de Tancredo que ama fervorosamente a sua mãe e, num processo de substituição do alvo proibido de seus desejos por uma jovem que, tendo sido educada e preparada por sua própria mãe, parecia mais adequada a ele.

A atitude paterna de negar-lhe a mão de Adelaide e enviá-lo para mais um ano de exílio comprova o conflito, pois não apenas o jovem mancebo, mas seu pai também viu em Adelaide uma continuação da própria mãe de Tancredo, cujo nome a narrativa oculta, o que pode ser visto como uma tentativa por parte de Tancredo e também de seu pai de ocultá-la como se fora uma joia preciosa.

Não podendo realizar os seus desejos da forma como planejava inicialmente, o ego de Tancredo sofre e se pune até encontrar Úrsula, que será alvo de seus desejos renovados e transferidos da esfera materna e semimaterna representada, primeiro por sua mãe, depois por Adelaide, para a sua nova paixão. Agora, ele busca na comunhão com o Outro, que é a mulher de origem social mais humilde, encontrar uma nova oportunidade no amor.

Voltando à questão da escravidão, observa-se que a visão de mundo estampada pelos escravos difere, e muito, dos relatos presentes em outras obras ficcionais sobre o tema, brasileiras ou não. Neste aspecto, destaca-se em *Úrsula* uma psicologia que nos

mostra os africanos não conformados com a escravidão e sempre em busca da libertação. A África é sempre vista como o paradigma de liberdade, sendo para a pátria mãe que a mente de Túlio se volta quando ele reflete sobre o assunto em passagens como a que se segue:

Porque ao africano seu semelhante disse: - és meu! - ele curvou a fronte, e humilde, e rastejando qual erva, que se calçou aos pés, o vai seguindo? Por que o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: - escravidão?!...E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo (Reis, 2004, p. 38).

Túlio demonstra sabedoria, apesar da pouca idade, e suas reflexões mostram um espírito que poderia ter sido desenvolvido intelectualmente e não o fora devido à escravidão e à segregação que se lhe seguiu de forma velada na vida nacional brasileira. O jovem escravo clama pela libertação de seu corpo e de toda a sua raça, porém, seu pensamento mostra-se cômico de que a escravidão se restringia ao corpo, já que sua alma e seu pensamento lhe eram propriedades únicas e inexoráveis. Segue o extrato comprobatório do que foi afirmado na própria voz de Túlio:

Oh! A mente isso sim ninguém a pode escravizar! nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! (Reis, 2004, p. 38-39).

Mais uma vez chamo a atenção para a importância deste romance dar voz a um afro-brasileiro, um escravo cujo pensamento denuncia a odiosa e inaceitável escravidão, mas, também, desconstrói todo e qualquer discurso que advogue no sentido da supremacia de uma raça sobre outra ou outras.

Além de Túlio, mãe Susana é outra escrava que não se curva ante o peso da escravidão. Ela, que passara as agruras de ter sido separada de sua família e de ter enfrentado os horrores de uma viagem num navio negreiro, também evoca o passado africano como fonte de inspiração para os ideais de liberdade que trazia na alma. Sobre o navio negreiro em que viajara da África para o Brasil, mãe Susana diz: “Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no porão estreito e

infecto de um navio” (Reis, 2004, p. 82). O infortúnio narrado seria uma triste inspiração para poemas de autores que se irmanavam com os afro-brasileiros na luta contra a escravidão e, entre eles, o nome do poeta Antônio de Castro Alves e o poema *Navio Negreiro* merecem destaque.

A escravidão era, na verdade, parte de um projeto de colonização empreendida, primeiro, pelos colonizadores europeus e, após a independência política, pela classe dominante da nação e das províncias num processo de colonização interna. Este projeto tinha as suas bases econômicas fundadas no plantio de produtos como a cana de açúcar, a extração de ouro e, mais tarde, no plantio e exportação de café. Logo, os colonizadores necessitavam da mão de obra e a escravidão provia-lhes com o material humano sem nenhum gasto relevante. Como se sabe, o colonialismo utilizou alguns mecanismos estratégicos de dominação como a imposição de sua língua, sua religião e a sua visão de mundo. Mas, em *Úrsula* temos a subversão desta tática em pelo menos duas esferas, as quais são a religião e a visão de mundo.

Aqui, os africanos fazem do passado, de sua memória, não só o paradigma de liberdade, mas a própria cosmovisão, o que nos remete a uma história para além daquela cunhada por estudiosos embebidos da cultura dominante em sua nação e tempo e que, por ser eurocêntrica, apresenta-se desprovida dos relatos e descrições sobre a África e a forma como os africanos viviam em seu próprio território antes de advento da colonização europeia.

Este aspecto de originalidade, já salientado anteriormente, endereça-nos a uma reflexão acerca do passado histórico de nossa civilização e, numa época em que se rediscutem as formas de constituição dos cânones literários e historiográficos, nada mais justo do que atribuir à ficção a condição de um outro construto de verdade histórica, sem a condição de fonte para um outro saber, como foi voga no século XIX e início da vigésima centúria.

Uma nova visão de história deve passar pelo reconhecimento de que a ficção sempre foi depositária de informações relevantes acerca de nosso passado, e no caso brasileiro, a história do nosso período escravagista necessita de revisão e de inserção em seus arcanos de produções culturais que ajudaram a construir a identidade cultural do Brasil e de alguns dos agentes que participaram direta ou indiretamente do referido processo, como é o caso da vida e obra de Maria Firmina dos Reis que, em *Úrsula*, nos

mostra o oposto do africano domesticado e tornado bom cristão que outras ficções do período tentaram nos legar. Neste romance, a africanidade é marca de identidade cultural e de fonte memorialística e de manancial de esperança de dias livres e de bonança no futuro.

Mais do que apontar outras direções para a nossa compreensão de nosso passado histórico, *Úrsula* pinta os quadros sociais daquela sociedade distante da corte, cuja cultura ainda hoje se faz carente de divulgação junto ao grande público brasileiro do Centro-Sul do país. Túlio e mãe Susana são personagens representativos de sua condição e de seu potencial enquanto indivíduos e raça.

O estereótipo do negro de alma branca ou do bom cristão só encontra acolhida na personagem Dona Luísa B., assim mesmo apenas no que tange ao segundo aspecto colocado acima, embora a sua fé em momento algum aluda ao cristianismo e se apresente através das alusões que ela faz ao Criador e às forças que busca na fé para resignar-lhe o espírito cativo, pois ela padecia na cadeia da paralisia, doença que a acompanhou até a morte.

Passando da categoria raça à de gênero, o romance aqui em questão apresenta informações e traços que colocam tanto a obra, quanto a autora à frente de seu tempo. O que primeiro se expressa é a condição a que a mulher, especialmente a afro-brasileira, estava submetida em nossa sociedade imperial, na qual se pode constatar a assertiva de Drucilla Cornell e Adam Thuschwell de que “a verdade da mulher é que ela não existe, a não ser como o Outro de um discurso baseado na radical exclusão d’Ela” (Cornell & Thuschwell, 1987, p. 156).

Parafraseando o capítulo quatro de *Úrsula*, “A Primeira Impressão”, ao se abordar a questão da mulher no contexto do romance, a primeira impressão é a de que a condição da mulher branca, com algumas exceções, beirava a escravidão a que estavam submetidas as mulheres de origem africana e afrodescendente. A condição da mãe de Tancredo é um dos exemplos mais imediatos. Ela aparece totalmente desprovida de identidade e voz. Nem sequer uma vez o romance faz qualquer menção ao nome da personagem. Mas, pelo relato de Tancredo, percebe-se que era uma mulher cuja ascensão social se deu pela via do casamento e, a partir daí, entregou-se de forma submissa ao marido e à educação do filho e de Adelaide, aquela que viria a ser a sua substituta como mulher do pai.

A tirania do homem contra a sua esposa é teorizada por Maria Lúcia Rocha Coutinho que afirma:

As circunstâncias do regime econômico e social no Brasil, portanto, muito contribuíram para reforçar a opressão da mulher pelo homem: limitando a sua atividade à esfera doméstica ou ao plano da prática religiosa, o homem pôde melhor exercer o seu domínio sobre ela (Coutinho, 1994, p. 75).

Tal constatação pode ser exemplificada em passagens como a que se segue, na qual a mãe de Tancredo roga ao marido em favor dos desejos do filho e usa a sua devoção e submissão como argumentos com o fim de persuadir o marido embrutecido. Cita-se:

- Oh! Senhor, pelo amor do céu! É só para me roubardes a última ventura de um coração já morto pelos desgostos que me negais o primeiro favor, que vos hei pedido! Que vos hei feito para merecer tanta dureza de vossa parte? que vos há feito meu filho para vos opordes a sua felicidade! Oh! quanto sois implacável em odiar-me... Sim, a lealdade e o amor de uma esposa, que sempre vos acatou, merece-vos tão prolongado, desabrido e maligno tratamento?! (Reis, 2004, p. 52).

Adelaide, por sua vez, migra da condição de filha bastarda para esposa, uma ascensão propiciada pelo casamento com o pai de Tancredo e que custou a primeira grande frustração e sofrimento na vida do jovem. A obra de Maria Firmina dos Reis não nos mostra a vida conjugal de Adelaide com o pai de Tancredo, mas pode-se inferir que ela teve o mesmo destino que a maioria das mulheres de seu tempo e lugar, servindo ao seu esposo. Esta inferência baseia-se nos costumes maranhenses e brasileiros, os quais reservavam o lar como reduto da mulher e a personalidade de Adelaide que, ao invés de se inserir na moldura social de forma similar à de outras mulheres de seu contexto, buscou o caminho mais fácil que foi a sedução do homem que fora seu pai social.

Todavia, a questão da mulher afro-brasileira é apresentada com mais riqueza. A começar pelo fato de a autora ter sido uma mulher afro-brasileira que teve a própria vida como experiência do processo escravagista e colonizador. A mulher africana mais representativa de *Úrsula* é mãe Susana. Dona Luísa B. é uma personagem cuja importância reside no fato de ser ela a mãe de Úrsula e as informações que temos dela mostra que fora alvo de todo tipo de maltrato. Dona Luísa B. influencia Úrsula a fugir

para evitar as ações de seu tio, o Comendador Fernando P, numa estratégia apontada por Louise Lamphere como “capaz de induzir alguém na decisão de agir de certo modo que sentir ser bom para outra pessoa...” (Rosaldo & Lamphere, 1979, p. 124).

Mãe Susana simboliza, para as gerações mais jovens, representada principalmente por Túlio, o elo com a terra-mãe, a África. É ela a transmissora da memória de uma cultura retratada como idílica e venturosa, como mostra o seu relato junto a Túlio, no qual ela diz:

Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente de meu país e louca de prazer a essa hora matinal, em tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias (Reis, 2004, p. 115).

A África edênica de mãe Susana assemelha-se à América dos índios antes da chegada do colonizador europeu. Em ambos os casos, o processo de colonização foi passando por diferentes fases, da ocupação imperialista de uma nação por outra ou outras, haja vista o caso de Portugal como metrópole das colônias do Brasil, da África e do Sul da Ásia até a partida do colonizador e a instauração do processo de colonização interna, antes subjugada ao interesse do europeu.

A personagem que empresta o seu nome ao romance é uma jovem que busca refúgio espiritual na mata, ou seja, junto à natureza, levando Tancredo, seu amado, a identifica-la com as forças naturais: “Úrsula, mimosa filha da floresta” (Reis, 2004, p. 41). Em seus momentos de maior dificuldade, seguindo os conselhos de sua mãe e de mãe Susana, ela encontra consolo no mundo natural, o que, de certa forma, está em consonância com os ideais românticos ainda vigentes ao tempo de Maria Firmina dos Reis, dando conta de que a natureza é a força intermediária entre o ser humano e Deus.

No que diz respeito à condição da mulher, ela é vista, pelos homens de seu tempo e lugar, como a encarnação angelical: “O mancebo, compreendendo o que se passava na alma dessa menina tão casta e tão delicada como um anjo...” (Reis, 2004, p. 77). Nesta e em outras passagens, percebe-se a presença do estereótipo como marca do olhar dirigido à mulher. Mas, há que se ressaltar que tais passagens são escassas e a mesma pode ter sido fruto de um artifício de Maria Firmina dos Reis para dar corpo a um

recurso da ficção masculina, pois afinal, muitas mulheres de seu tempo nem sequer assinavam as próprias obras com o próprio nome.

O processo colonizador impôs aos povos colonizados a língua padrão da metrópole como vernáculo oficial da nação subjugada, bem como fixou a sua jurisprudência e cultura. Neste último aspecto, o poder do dominador estabeleceu como discurso oficial a sua própria visão de mundo e forçou o dominado a recorta-la a partir de um processo mnemônico de seu discurso, seus mitos e estereótipos.

No âmbito da ficção, o artifício do estereótipo estabeleceu formas fixas que, como salienta o crítico literário hindu Homi K. Bhabha, “...it connotes rigidity and an unchanging order as well as disorder...”<sup>3</sup> (Bhabha, 1994, p. 66). No caso da escravidão, esta forma fixa aparece na escrita dos brancos, os quais pintam quadros de escravos resignados e felizes com a sua condição e tendo como único conforto a crença na ida para o paraíso prometido para os cristãos após a morte. Era o estereótipo do “negro de alma branca” que textos como o já citado *Uncle Tom’s Cabin (A Cabana do Pai Tomás)*, de Elizabeth Beecher Stowe, ajudaram a consagrar.

Da mesma forma no caso feminino, romances a exemplo de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, retrata a mulher afro-brasileira como símbolo da indolência brasileira, conforme destacou Charles Martin em “Uma Rara Visão de Liberdade” que introduz a edição de 1988, “tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela está a pedir homem” (Azevedo, 1957, p. 45).

O que faz do romance *Úrsula* uma obra especial é exatamente a dissonância entre esta e as ficções de seu tempo que têm a abolição como tema. Ao contrário do “negro de alma branca”, os africanos e afro-brasileiros são cômicos de sua herança cultural e de seu passado. Tais marcas desconstruem os discursos de que os homens e mulheres de origem afro não eram providos de inteligência e capacidade de memória e de identidade cultural, argumentos que só atendiam aos requisitos do colonialismo e das classes dominantes das colônias.

Portanto, o romance *Úrsula* transcende os seus contemporâneos nacionais e de além-mar na medida em que se expressa através de múltiplas facetas, ou seja, é uma

---

<sup>3</sup> ...isto conota rigidez e uma ordem imutável da mesma forma que a desordem...

obra romântica com a presença da natureza viva e atuante como partícipe do processo que liga o ser humano ao cosmos, à natureza wordsworthianamente residência de Deus.

A natureza em *Úrsula* é, também, marca de oposição ao colonialismo externo, que foi a colonização portuguesa do Brasil e ao colonialismo interno levado a cabo pela classe dominante política e economicamente durante o Brasil Império e que tinha a escravidão como fonte de renda e mão de obra nas lavouras e minas de extração mineral. Para estes segmentos da sociedade brasileira de então, a natureza era apenas fonte de insumos.

Sobre o teor de inspiração romântica que envolve esta obra, o tema de amor entre dois jovens de classes sociais distintas é a premissa maior de *Úrsula*. Há que se enfatizar ainda a fidelidade e a gratidão a uma amizade, tão cara aos românticos, e expressas aqui pela “irmandade” entre Túlio e Tancredo, sendo o primeiro responsável pela aproximação das duas raças, já que foi ele quem levou Tancredo, o jovem branco e bacharel em Direito, para ser entregue aos cuidados de seu futuro amor, a jovem Úrsula.

Ainda sobre a riqueza de *Úrsula* como obra de arte literária, ressaltem-se os intertextos já mencionados no início deste ensaio e que são inseridos no seio da trama romanesca através de uma linguagem simples, direta e pertinente à descrição que empreende, como na cena em que Dona Luísa B. se despede da vida e de sua filha Úrsula: “...dessas duas mulheres, que na derradeira despedida pareciam dolorosas estátuas de Níobe” (Reis, 2004, p. 60). A referência à personagem mitológica Níobe, comum em muitas ficções contemporâneas ou não de *Úrsula*, traz a ideia de pranto contínuo e doloroso e aqui, como na mitologia grega, a perda a partir da morte se faz presente.

## **Conclusões**

A primeira conclusão a que chego dá conta de que *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é um romance que além de original é também uma obra ousada não só para o contexto e tempo em que foi concebida, mas capaz de falar aos corações e mentes do século XXI. Como ressaltado no âmbito da análise, aqui empreendida, a originalidade da obra consiste na ousadia de retratar a escravidão no Brasil, dando voz às personagens africanas que, pela primeira vez em nossa história literária aparecem providas de humanidade, consciência, memória e independência de espírito.

A construção psicológica e discursiva das personagens Mãe Susana, Túlio e Antero ganha em originalidade das narrativas sobre o tema da escravidão presente nas obras literárias do século XIX. A grande diferença reside no fato dos outros romances e contos lavrados sobre esta temática apresentarem tanto os escravos quanto os seus descendentes como desprovidos de inteligência e memória, sendo, por conseguinte, pintados como brutalizados.

Em *Úrsula* dá-se o contrário. Mãe Susana e Túlio são cômicos de suas identidades africanas e nos reportam através de as suas memórias os seus passados e o estilo de vida no continente africano, apresentando uma África idílica e esplendorosa. Um outro aspecto a caracterizar a originalidade da obra e o talento de Maria Firmina dos Reis jaz no fato dela não ter tido modelos literários a seguir, uma vez que a mentalidade brasileira da época preconizava uma construção de identidade nacional que se amparava em um molde étnico das elites brancas que, inclusive, ditavam voga em nossas expressões historiográficas e literárias.

Há que se ponderar também que a liberdade de expressão que Maria Firmina dos Reis concedeu às personagens africanas assinala um fator de ordem filosófica sem precedentes. Mãe Susana e Túlio, ao lembrarem os seus respectivos passados vividos na África dissertam sobre a liberdade tanto na esfera do passado, vide as recordações de Mãe Susana, quanto no presente da narrativa, haja vista as ponderações de Túlio acerca da impossibilidade de se escravizar o pensamento.

É de suma importância reconhecer que o *Úrsula* é o primeiro romance abolicionista escrito em língua portuguesa e por apresentar os escravos como seres humanos, o que eleva o grau e o nível de sua superioridade em relação às narrativas de seu tempo que não tiveram a mesma ousadia. Logo, nestes tempos em que o obscurantismo e o negacionismo se instalam em nosso país, uma obra literária deste quilate se inscreve como uma narrativa digna das pessoas conscientes do século XXI que advogam em prol da alteridade e da inclusão social não só dos afrodescendentes, mas também de todas as minorias

Portanto, romantismo, historicidade, raça e gênero são alguns dos artifícios discursivos que caracterizam *Úrsula* como um romance *avant la lettre* e que nos permite, já no século XXI, um olhar crítico para o nosso passado histórico e constatar que o mesmo deve ser reconstituído e a sua visão ampliada, o que pode ser propiciado por

obras literárias e de outras formas de expressão cultural que, ou foram deixadas de lado pelo cânone oficial de nossas Belas Letras ou, como se aventa, nem sequer foram levadas em conta. O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, mais do que um resgate, merece ser inserido no conjunto das obras que caracterizam o nosso período romântico, destacando-se pela audácia com que enfrentou os preconceitos da ordem canônica e social ao tratar das questões pertinentes aos africanos escravizados no Brasil e seus descendentes.

### Referências

- AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. v. 2. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BHABHA, Homi. The Question of Other. *In: The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994. p. 66-84.
- CORNELL, Drucilla & THURSCHELL, Adam. Feminismo, Negatividade, Intersubjetividade. *In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. Feminismo como Crítica da Modernidade*. Tradução de Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 155-174.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e Os Primórdios da Ficção Afro brasileira. Posfácio. *In: REIS, Maria Firmina. Úrsula*. Florianópolis: Edições Mulheres, 2004. p. 265-280.
- FANON, Frantz. On National Culture. *In: The Wretched of the Earth*. New York: Grove Weidenfeld, 1963. p. 206-248.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, ed. 2004.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por Trás dos Panos: A Mulher Brasileira nas Relações Familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist & LAMPHERE, Louise. **A Mulher A Cultura A Sociedade**. Tradução de Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

**Data de submissão: 22/11/2024**  
**Data de aceite: 28/06/2024**